



<https://dx.doi.org/10.35499/tl.v19i2.24713>

A POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA EM VÍDEOS CURTOS: UM MODELO DIDÁTICO DO GÊNERO VÍDEO-MINUTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

CAROLINA ALVES FONSECA (UFJF)*

 <https://orcid.org/0000-0002-3286-2831>

POLIANA DE OLIVEIRA CUNHA**

 <https://orcid.org/0009-0006-4543-9334>

RESUMO

Esta pesquisa exploratória, de natureza qualitativa e interpretativista, insere-se no campo da Linguística Aplicada e objetiva definir o vídeo-minuto de divulgação científica enquanto gênero de texto, a partir do levantamento de regularidades linguísticas e multimodais em exemplares desse gênero oral disponíveis no *Youtube*. Para tanto, lançamos mão de discussões teóricas pautadas em Bronckart (2004, 2006, 2008), Dolz e Schneuwly (2004) e Marcuschi (2001, 2003), de modo a discutir o surgimento de novos gêneros de texto com o avanço tecnológico, em especial com o uso de redes sociais. Selecionamos para o *corpus* 10 vídeos, os quais foram analisados de acordo com o quadro teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo. Foram identificadas regularidades que permitiram a construção de um modelo didático de gênero, o que pode contribuir tanto para a didatização deste gênero em sala aula, o que é previsto inclusive na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), quanto para a divulgação científica em outros contextos de uso. Palavras-chave: Vídeo-minuto de divulgação científica; Modelo didático de gênero; Gênero de texto oral.

ABSTRACT

THE POPULARIZATION OF SCIENCE IN SHORT VIDEOS: A DIDACTIC MODEL OF THE ONE-MINUTE-VIDEO GENRE FOR SCIENTIFIC DISSEMINATION

This exploratory research, qualitative and interpretative-driven, is inserted within the Applied Linguistics field and aims at defining the scientific dis-

* Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora. Atua no Colégio de Aplicação João XXIII e no Mestrado Profissional em Letras. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

E-mail: carolinaalves.fonseca@ufjf.br

** Professora da Rede Estadual de Educação de Minas Gerais, atua nos anos finais do Ensino Fundamental II e no Ensino Médio. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Federal de Lavras; Mestranda do Profletras/UFJF. E-mail: poliana.oliveira11@educacao.mg.gov.br

semination one-minute video as a textual genre raised from the collection of linguistics and multimodal regularities in samples of this oral genre available on Youtube. In order to do so, we tackled theoretical discussions based on Bronckart (2004, 2006, 2008), Dolz and Schneuwly (2004) and Marcuschi (2001, 2003), proposing to discuss the rise of new textual genres with the technological advancement, especially in regards to the usage of social media. We have selected 10 videos for the corpus, which were analyzed according to the theoretical-methodological framework of Socio-Discursive Interactionism. Patterns were identified, which made the construction of a didactic model of the genre feasible. This model can contribute both to the didacticization of this genre in the classroom setting, as recommended by the Brazilian National Common Core Curriculum (BNCC, in Portuguese), and to scientific dissemination in other contexts of use.

Keywords: Scientific dissemination one-minute-video; Genre didactic model; Oral text genre.

INTRODUÇÃO

Os gêneros caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas. (Marcuschi, 2003, p. 4).

Este artigo compõe o dossiê “Oralidade, gêneros orais e ensino: perspectivas, avanços e desafios em diálogo com Luiz Antônio Marcuschi”. Pretendemos discutir o fenômeno de surgimento de novos gêneros na sociedade como consequência do uso das redes sociais, analisando regularidades linguísticas e multimodais de vídeos-minuto de divulgação científica, as quais permitam defini-lo como um gênero de texto. Para tanto, retomamos pesquisas de Marcuschi (2001, 2003), especialmente no que tange ao conceito de gênero textual¹ oral e ao processo de retextualização, tecendo um diálogo

com o quadro teórico do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (Bronckart, 2004, 2006, 2008; Dolz e Schneuwly, 2004).

Com o surgimento e o aumento do uso de redes sociais – *Facebook, Instagram, Tik-Tok, X, Pinterest, Snapchat, Whatsapp*, entre outros – os sujeitos introduziram em seu cotidiano uma nova forma de interação, aquela mediada pelo uso de telas. Aliado a isso, no mundo globalizado, o crescimento urbano, e, obviamente, a lógica capitalista cada vez mais reafirmam a metáfora de que “tempo é dinheiro”, tornando as relações e formas de comunicação cada vez mais aceleradas. Nesse cenário de rapidez no consumo e na produção de conteúdos veiculados nas redes, vemos o surgimento dos modos de velocidades – os quais nos permitem ouvir áudios de *Whatsapp* ou assistir a vídeos do *Youtube* em ritmo mais acelerado – e dos *shortvídeos* em vários formatos, como *reels* e *story* no *Instagram*.

Essas formas mais céleres de interação com vídeos curtos não ficaram restritas a atividades de linguagem de cunho pessoal,

1 Neste artigo, utilizamos “gênero textual” quando nos referimos a contribuições advindas da Linguística Textual, especialmente com as pesquisas de Marcuschi, e “gênero de texto” quando a discussão se insere no quadro teórico do Interacionismo Sociodiscursivo, como, por exemplo, com Bronckart.

mas atingiram perfis profissionais e institucionais, passando a ser utilizadas também para a divulgação da ciência em vários gêneros de texto distintos que circulam nas redes, como nos chamados vídeos-minuto. Não pretendemos com este artigo discutir os impactos disso para a credibilidade ou sobrecarga de trabalho, mas analisar a construção de vídeos curtos com objetivo de popularização do fazer científico, já que vem ganhando espaço a publicação de vídeo-minuto de divulgação científica até mesmo em perfis de redes sociais de grandes centros de ensino e pesquisas brasileiros, como as universidades, inclusive com apoio do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Assim, tendo em vista que a conduta humana se apresenta como resultante de um processo histórico de socialização e que a atividade de linguagem é uma atividade social, é urgente pesquisas sobre os novos gêneros de texto que surgiram, e surgem, a partir do desenvolvimento das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC), pois, como afirma Bronckart (2004),

Nesta lógica, contrariamente ao implícito das posições fixistas cognitivistas, as propriedades do pensamento consciente, tal como podemos aprender atualmente, constituem apenas uma etapa de um processo de desenvolvimento permanente: após um ou dois séculos de pesquisas da informática, dos mundos virtuais etc, as capacidades mentais e a consciência dos nossos descendentes serão, sem dúvida alguma, “outras” que não as nossas. (Bronckart, 2004, p.115).

Nesse sentido, buscamos construir um texto que discuta, conforme defende Marcuschi (2003), que os gêneros textuais “surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas” (Marcuschi, 2003, p. 4). Para tanto, pretendemos realizar

um levantamento de regularidades linguísticas e multimodais em textos identificados como vídeos-minuto de divulgação científica. Longe de apresentar uma discussão autoral mais aprofundada sobre o surgimento desses novos gêneros, ou dos impactos no fazer científico e demais relevâncias do tema, buscamos contribuir para a diminuição da lacuna identificada por Cristovão et. al (2023, p. 306) ao afirmar que “a transposição da disseminação científica para a divulgação ao grande público demanda maior participação de pesquisadores das Ciências da Linguagem”. Necessidade esta já apontada no início dos anos dois mil, quando Fraga (2007) indicou

a necessidade da inserção de temas relacionados à emergência das práticas textuais no ciberespaço, no corpo epistemológico, teórico e metodológico do Interacionismo Socio-discursivo (ISD). Isso significa não somente tomarmos os textos produzidos nesse ambiente para análise, mas considerá-los como condições específicas de produção que esse contexto envolve, que são paradigmáticas porque envolvem nova percepção da realidade. (Fraga, 2007, p.273)

Portanto, com intuito de definir o vídeo-minuto de divulgação científica enquanto gênero de texto, a partir do levantamento de regularidades linguísticas e multimodais, selecionamos para o *corpus* 10 vídeos publicados no *Youtube*, os quais foram analisados de acordo com o quadro teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo para a composição de um Modelo Didático de Gênero (MDG), o que pode contribuir tanto para a didatização deste gênero em sala aula, o que é previsto inclusive na Base Nacional Comum Curricular (BNCC²), quanto para a divulgação científica (DC) em outras esferas comunicativas.

2 Conferir habilidades EF69LP37; EF69LP46; EF89LP32; EM13LP15; EM13LP46.

1. APORTE TEÓRICO

Nesta seção, de modo a definir o contexto de uso e de elaboração do vídeo-minuto de divulgação científica, discorreremos sobre contribuições oriundas das pesquisas de Marcuschi (2001, 2003) e apresentamos os fundamentos epistemológicos do ISD (Bronckart, 2004, 2006, 2003) e seus desmembramentos, como capacidades de linguagem (Dolz, Pasquier e Bronckart 1993 *apud* Schneuwly e Dolz, 2004), folhado textual (Bronckart, 2008) e Modelo Didático de Gênero (Schneuwly e Dolz, 2004).

1.1 O advento das redes sociais e o surgimento de novos gêneros de texto

A realidade da linguagem é totalmente constituída de práticas situadas. É a partir das interações, das atividades coletivas “que se organizam as interações dos indivíduos com o meio ambiente” (Bronckart, 2006, p.138), ou seja, é do agir geral que se desenvolvem historicamente regras, normas e instrumentos organizadores para atividades coletivas e sociais, “favorecendo o estabelecimento de restrições que, de certa forma, também inibem a liberdade e a criatividade individual” (Souza, 2007, p. 169), na medida em que se criam modelos, convenções. Dentre eles, há o estabelecimento de gêneros de texto, que surgem a partir do agir da linguagem, entendida como a atividade de linguagem em uso. Nesse sentido, as atividades coletivas concretas geram conhecimentos “inicialmente práticos e basicamente funcionais, que requerem a semiotização e se constituem em *textos*. O agir da linguagem (texto), ao ser criado, é permeado de valores históricos e socioculturais que dão origem aos gêneros de determinada língua” (Souza, 2007, p.170).

Isso significa dizer que o agir de linguagem é o agir no texto. Assim, o homem, ao

selecionar um gênero de texto, reflete tanto as atividades coletivas, já que aciona uma entidade coletivamente construída, quanto as ações individuais de quem fala ou escreve. É por isso que linguistas afirmam que os gêneros são formas *relativamente* estáveis de enunciado, já que as possibilidades de interação partem de modelos previamente construídos, em determinado contexto social, histórico e linguístico, embora quem fala/escreve possa atribuir estilo pessoal e realizar adequações de acordo com seus objetivos comunicativos. Conforme Bronckart, gêneros de texto são

[...] produtos da linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de texto que apresentam características relativamente estáveis. (Bronckart, 2004, p. 137)

Nessa mesma linha, Marcuschi (2003) defende que

Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. Mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. (Marcuschi, 2003, p.4).

Portanto, novas formas de interações sociais geram novas demandas comunicativas e, assim, a reelaboração de novos gêneros de texto. Marcuschi (2003) discute esse fenômeno, exemplificando com as novas atividades comunicativas que surgiam à época. Segundo ele,

não são propriamente as tecnologias *per se* que originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias.

Daí surgem formas discursivas novas, tais como telemensagens, teleconferências, videoconferências, aulas virtuais (aulas chats) e assim por diante. (Marcuschi, 2003, p. 6).

Isso significa dizer, por exemplo, que não foi somente o advento da internet e das redes sociais o responsável pela construção do gênero vídeo-minuto de divulgação científica, mas as atividades comunicativas diárias feitas por vídeos curtos, cada vez mais comuns com o aumento do uso das redes *Instagram* e *Tik-tok*.

Antes do advento das redes sociais, por exemplo, os gêneros de texto mais utilizados para a divulgação das pesquisas científicas a um público não especializado eram reportagens e notícias de divulgação científica, sejam elas orais ou escritas. Grillo (2013) concebe a divulgação científica como uma modalidade de relação dialógica, articulando a esfera científica a outras esferas. Com essa mesma concepção, Targino (2007) defende que a DC pode ocorrer em diversas mídias, no formato de diferentes gêneros, demonstrando a sua interseção entre os discursos científicos e jornalísticos. Por isso, Motta-Roth (2011) indica que a DC, nomeada pela pesquisadora como popularização da ciência (PC), pode ser feita pelo próprio cientista ou por um jornalista. Cristovão *et al* (2023, p. 286) destacam que esse movimento de aproximação entre pesquisadores e jornalistas é resultado de um cenário “que revela, por um lado, a necessidade de ampla disseminação da produção científica na comunidade acadêmica e, por outro, a importância da DC como interveniente na literacia científica da sociedade, como meio de formação de cidadãos mais informados e críticos”, pois a “ciência só cumpre plenamente a sua função se divulgada” (Idem).

Logo, uma vez que o uso de vídeo curto foi incorporado às atividades linguageiras

das sociedades, esse gênero em ascensão passa a ser empregado com fins de popularização da ciência, isto é, surge o vídeo-minuto de divulgação científica, como um gênero híbrido, que une as características dos vídeos curtos de redes sociais ao conteúdo científico divulgado a um público leigo e/ou não especializado. Cabe ressaltar que consideramos, neste trabalho, a divulgação científica em sua definição mais ampla, e não apenas com o intuito de divulgar resultados recentes de pesquisas acadêmico-científicas. Concebemos a DC como o conjunto de práticas voltadas para tornar acessível ao público não especializado ou leigo o conhecimento produzido pela ciência, traduzindo conceitos, métodos e resultados científicos de forma clara, compreensível e atrativa.

Sobre o surgimento desses novos formatos de comunicação, Marcuschi (2003) aponta que

Seguramente, esses novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações *ab ovo*, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes. O fato já fora notado por Bakhtin que falava na ‘transmutação’ dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro gerando novos. A tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas. Veja-se o caso do telefonema, que apresenta similaridade com a conversação que lhe pré-existe, mas que, pelo canal telefônico, realiza-se com características próprias. (Marcuschi, 2003, p. 8).

Podemos dizer, portanto, que o vídeo-minuto de divulgação científica, ao incorporar características dos vídeos curtos de redes sociais, mas com conteúdo temático sendo pesquisas ou fatos científicos adaptados para interesse e compreensão do público leigo/não especializado, expande a noção discutida até aqui da DC como a interseção de discursos científicos e jornalísticos, incluindo agora a esfera midiática, por conta

de seu meio de circulação ser especialmente as redes sociais. Além disso, expandimos a afirmação de que a DC é realizada por jornalistas e pesquisadores, pois, como a internet é democrática, qualquer usuário - *youtuber*, produtor de conteúdo, *podcaster* - pode produzir um vídeo de divulgação científica, o que foi muito comum, inclusive, durante a pandemia com as discussões sobre a Covid-19 e o desenvolvimento de vacinas (Abreu-Tardelli; Cardoso, 2022).

Sobre isso, Grillo (2013, p.6) destaca que a DC pode apresentar “características próprias”, em razão das coerções sociodiscursivas de três campos/esferas: o científico, o educacional e o da informação midiática. Cada um deles é formado por gêneros próprios, que representam um segundo nível de coerções ou de normas. Assim, a divulgação científica enfrenta o desafio constante de transformar conteúdos extensos, especializados e escritos em linguagem técnica em produtos comunicativos acessíveis, concisos e atrativos para o grande público. Nesse sentido, vídeo-minuto de divulgação científica, um gênero que emerge no contexto digital, exige a síntese de conteúdos complexos em formatos breves, multimodais e interativos.

Essa prática se relaciona diretamente ao que Marcuschi (2001) conceitua como retextualização, descrita como “um processo complexo de transformação que envolve condensação, explicitação, supressão ou detalhamento de informações” (Marcuschi, 2001, p. 124). O vídeo-minuto de DC, dessa forma, não constitui apenas uma versão resumida de textos acadêmicos, mas um produto discursivo novo, adaptado às características das plataformas digitais e às demandas de um público não especialista.

O deslocamento de um gênero acadêmico escrito, extenso e de circulação restrita para um gênero breve, audiovisual e de ampla

circulação implica operações cognitivas específicas. Como afirma Marcuschi, “quando transcrevemos ou transformamos um texto de um gênero para outro, realizamos operações cognitivas de sumarização, seleção e hierarquização das informações” (Marcuschi, 2001, p. 126). Trata-se, portanto, de um movimento que vai além da redução textual: envolve reconstruir sentidos para atender a novas finalidades comunicativas.

Assim, entende-se que o processo de transformação de conteúdos científicos para o formato breve e multimodal do vídeo-minuto representa não apenas uma transformação técnica, mas uma prática discursiva complexa e estratégica, que articula o saber científico com as novas formas de circulação, consumo e produção de sentidos próprias da cultura digital, pois, conforme argumenta Marcuschi, “retextualizar não é apenas trocar palavras, mas reconstruir sentidos em função de novas finalidades e novos suportes” (Marcuschi, 2001, p. 129). Daí a importância de se analisarem padrões linguísticos e de se definir um modelo didático de gênero, que pode contribuir não só para a didatização do vídeo-minuto de DC, como também auxiliar com a popularização da ciência na medida em que podemos indicar um modelo para a construção de novos textos.

Uma vez discutidas as condições sociais que permeiam o processo de produção do gênero em questão, discorreremos na próxima subseção sobre os conceitos de arquitetura textual, de capacidades de linguagem e de modelo didático de gênero, de modo a subsidiar as discussões da seção de análise deste artigo.

2.2 A arquitetura textual, as capacidades de linguagem e o modelo didático de gênero

De acordo com Bronckart (2006), o texto, materializado como um gênero a depender

da prática sociodiscursiva ao qual se insere, trata-se de uma trama complexa em que se relacionam três camadas superpostas, as quais estruturam a arquitetura textual. São elas³: infraestrutura geral do texto; mecanismos de textualização; e mecanismos enunciativos.

A primeira delas representa a camada mais densa e complexa do folhado textual e está relacionada ao plano geral do texto, incluindo os tipos de discurso e tipos de sequências textuais. A segunda e a terceira relacionam-se aos elementos linguístico-discursivos, como mecanismos de conexão, coesão verbal e nominal; bem como gestão das vozes e modalizações utilizadas na construção do texto.

A Didática das Línguas propõe instrumentos que contribuem para o processo e apropriação de gêneros de texto, já que buscam tornar visíveis e conscientes escolhas subjacentes a essa planificação textual. Dentre eles, destacamos para este trabalho as noções de capacidades de linguagens e de modelo didático de gênero, consideradas aqui como ferramentas profícuas à transposição de conhecimentos científicos em ambiente educacional.

As capacidades de linguagem “são aptidões requeridas para a realização de um texto numa situação de interação determinada” (Dolz, Pasquier e Bronckart 1993 *apud* Schneuwly e Dolz, 2004). Para Cristóvão (2009), elas formam um “[...] conjunto de operações que permitem a realização de uma determinada ação de linguagem, um instrumento para mobilizar os conhecimentos que temos e operacionalizar a aprendizagem” (Cristóvão, 2009, p.319). Dolz e Schneuwly (2004) postulam três capacidades essenciais para o reconhecimento de um gênero de texto: a

capacidade de ação, a qual diz respeito aos aspectos macroestruturais de construção textual, como o contexto de produção, conteúdo temático e habilidade do indivíduo de compreender o objetivo comunicativo ao se produzir determinado gênero; a capacidade discursiva, relacionada às etapas de produção do texto, isto é, aspectos de sua infraestrutura; e a capacidade linguístico-discursiva, a qual é voltada aos mecanismos de textualização e enunciação, como aspectos gramaticais envolvidos na construção do texto.

De modo a abarcar aspectos sociais, Cristóvão e Stutz (2011) propõem uma quarta capacidade, a capacidade de significação, que se refere à compreensão do indivíduo sobre contextos ideológicos, históricos, socioeconômicos e culturais que moldam o sentido do texto. Além disso, Dolz (2015) propõe a capacidade multissemiótica (Dolz, 2015), relacionada à habilidade de produzir e compreender textos que combinam múltiplos sistemas semióticos — texto verbal, imagens, gestos, sons, diagramas etc. — de forma integrada e significativa.

O desenvolvimento de capacidades de linguagens para que pesquisadores possam divulgar seus objetos científicos para um público de não especialistas pode ser possibilitado através da elaboração de um MDG. De acordo com Schneuwly e Dolz (2004, p.70), em um modelo didático busca-se “explicitar o conhecimento implícito do gênero, referindo-se aos saberes formulados, tanto no domínio da pesquisa científica quanto pelos profissionais especialistas”. Isso significa que o MDG objetiva planificar os processos de transposição didática, na medida em que sinaliza as dimensões ensináveis do gênero, transformando-o em objeto de ensino ao propor uma síntese das principais características dos textos materializadores do gênero em estudo.

3 Para um estudo mais detalhado sobre esses conceitos, conferir Bronckart (1999).

Para a criação desse modelo didático, é necessário coletar dados empíricos, ou seja, textos representativos do gênero que está sob investigação e analisá-los. Os processos para a construção desse *corpus* são indicados na seção seguinte.

2.0 ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Este estudo exploratório, de natureza qualitativa e interpretativista, insere-se no campo da Linguística Aplicada e objetiva definir o vídeo-minuto de divulgação científica enquanto gênero de texto, a partir do levantamento de regularidades linguísticas e multimodais em exemplares desse gênero oral. O *corpus* da pesquisa é composto por duas fontes principais: produções acadêmicas –

teses, dissertações e artigos – e vídeos-minuto de divulgação científica veiculados na plataforma digital *Youtube*.

Após buscas na plataforma CAPES com a palavra-chave vídeo-minuto, foram encontrados 438 trabalhos. Já as buscas no Google Acadêmico indicaram 534 resultados. No entanto, a partir da análise dos resumos, percebemos que a busca indicou trabalhos que utilizavam a palavra vídeo de uma forma abrangente, como, por exemplo, na área da saúde em que o termo está relacionado a resultados de exames, e não apenas os que citavam vídeo-minuto como uma de suas palavras-chaves. Diante disso, analisamos aquelas pesquisas que buscavam discutir e definir esse formato de vídeo, selecionando os seguintes trabalhos:

Quadro 1 – Produções acadêmicas sobre vídeo-minuto

DISSERTAÇÕES, TESES, ARTIGOS CIENTÍFICOS, TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO
“Ciência no <i>Tik Tok</i> : o uso da plataforma para a divulgação científica no Brasil”, Kletemberg e Granado, 2023, PUC-Minas.
“O gênero digital vídeo-minuto: a discursividade livre do aluno na escola média sobre o afrodescendente”, Almeida, 2022, UNIC.
“A divulgação científica e a popularização do conhecimento nas redes sociais: produção e circulação dos conteúdos no projeto MIDIVulga do @grupomidi”, Rocha <i>et al.</i> , 2022, UFPB.
“As práticas de linguagem contemporânea e a BNCC”, Barbosa, 2018, MEC.
“O vídeo-minuto como prática de imprensa escolar”, Silva, 2018, UFRGS.
“Modelo de Produção de Vídeo didático para EaD”, Bahia e Silva, 2017, UNIMES

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Para a seleção dos vídeos-minuto, adotamos três critérios: veiculação em canal específico para popularização da ciência - excluindo, portanto, vídeos produzidos em *trends* ou em *perfis* pessoais de forma isolada -; vídeos de até um minuto; maior quantidade de visualização. Inserimos no campo de busca do *Youtube* o comando “Ciência em

1 minuto”, identificamos os dez *perfis* mais recorrentes, analisando a descrição do canal de modo a selecionar aqueles que explicitamente objetivavam a divulgação científica em vídeos curtos. Feito isso, na guia *shorts* dos perfis, filtramos pelos vídeos mais visualizados. Assim, o *corpus* selecionado foi o seguinte:

Quadro 2 – Vídeos-minuto de divulgação científica publicados no *Youtube*

VÍDEOS-MINUTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA						
	Nome do canal	Vídeo-minuto selecionado	Número de visualizações	Duração	Linha de pesquisa	Link de acesso
V1	“Ciência Todo dia”	“Uma folha dobrada 103 vezes fica maior que o universo”. (V1)	13.537.697	0:58	Ciências da Natureza Exatas e biológicas	https://www.youtube.com/shorts/oG0bUfWO_0g
V2	“Lucas Franco”	“A garrafa de Klein (V2)	7.088.885	1:00	Ciências da Natureza	https://www.youtube.com/shorts/Y0LdcJhefPA
V3	“Humor quântico”	“Física na manteiga” (V3)	497.385	0:59	Física	https://www.youtube.com/watch?v=T_NSVAz1svU
V4	“UFLA”	“Relógio biológico faz galo cantar ao amanhecer”. (V4)	21.802	0:40	Ciência em geral	https://www.youtube.com/watch?v=-CMu6N-O_5dw
V5	“Ciência em dia”	“A mecânica quântica em 1 minuto”. (V5)	11.489	0:56	Física, Química, astronomia, etc.	https://www.youtube.com/shorts/v2lORBz_qmo
V6	“Newtoniano”	“E se a lua sumisse?” (V6)	9.659	0:21	Física e Sistema Universal	https://www.youtube.com/shorts/-hXaH-UgOxfM
V7	“Univale”	“Como ser cientista?” (V7)	9.125	0:49	Divulgação da Universidade	https://www.youtube.com/shorts/BXr5OrrniUs
V8	“Minuto com ciência”	“Crocodilos no mar?” (V8)	4.458	0:23	Ciências da Natureza; Exatas e biológicas	https://www.youtube.com/shorts/E85MFSB-mkv4
V9	“Seara da ciência: onde é proibido não mexer”	“Areia movediça” (V9)	2.006	0:48	Ciências da Natureza	https://www.youtube.com/watch?v=j_xS-njbggrs
V10	“Instituto Butantan”	“Por que os peixes não fecham os olhos” (V10)	1.700	0:58	Ciências biológicas	https://www.youtube.com/shorts/oGiCwudG1-0

Fonte: Elaborado pelas autoras

A análise foi realizada em três etapas:

1. Levantamento e descrição das características estruturais e discursivas do gênero;
2. Identificação de recorrências dessas características;
3. Proposição de um modelo didático do gênero vídeo-minuto de divulgação científica.

A seguir, compartilhamos nossos resultados das análises dos vídeos-minuto de DC.

3. ANÁLISE DOS DADOS E PROPOSTA DO MDG

Nesta seção, apresentamos a análise das duas bases de pesquisa que compõem o nosso *corpus*. Trazemos, em 3.1, uma síntese das produções acadêmicas com vistas a definir o vídeo-minuto de divulgação científica e, em 3.2, propomos um MDG a partir das regularidades linguísticas e multimodais observadas nos vídeos selecionados.

3.1 Vídeos curtos e a pesquisa acadêmica

Bahia e Silva (2017) exploram em sua pesquisa vídeos curtos com objetivos didáticos na educação à distância (EaD). Os autores não sugerem uma definição para esse formato de vídeo, chamado por eles de vídeo didático, mas apontam para a importância de brevidade – com a duração máximo de oito minutos –; autenticidade; presença de tomadas de notas; e aproximação entre o emissor e o interlocutor. O trabalho postula dez máximas a serem seguidas pelo produtor do vídeo, a saber: “ser o mais breve possível”; “ser livre de preconceitos”; “ser narrativo”; “promover a autoria”; “usar tomadas curtas”; “sensibilizar o aluno”; “ser simples”; “ser diferente”; “ser um audiovisual” e “ter ritmo”.

Já o trabalho de Barbosa (2018) propõe uma definição para vídeo-minuto, qual seja “os vídeos-minuto possuem um tempo pré

-estabelecido e se propõem a abarcar, em 1 minuto, todo o filme ou ao menos seu sentido principal, com o maior número sequencial de ações e cenas possível e necessário para a produção dos efeitos desejados” (Barbosa, 2018, p.15). Notamos, portanto, que, para o autor, vídeo-minuto está associado a narrativas, visto que não cita a utilização desse tipo de vídeo em outras sequências, como a expositiva com vídeo-minuto de notícia ou vídeo-minuto de divulgação científica, por exemplo, os quais possuem estruturas e objetivos comunicativos distintos ao utilizado no trabalho: “retextualização de obras cinematográficas, com intenção de homenagear, criticar e/ou fazer uso do humor” (Idem).

Silva (2018), por outro lado, amplia o uso do vídeo-minuto realizado por Barbosa (2018), pois se propõe a analisar o uso do vídeo-minuto no campo jornalístico/midiático ao trabalhar com vídeos-minuto de notícia, observando os aspectos linguísticos e multissemióticos que compõem o gênero, com fins de didatizá-lo. De acordo com o autor,

Vídeo-minuto, como o próprio nome diz, é um formato de vídeo com até 60 segundos. Pode ser utilizado para exibir produções audiovisuais curtas, de ficção ou não ficção, para apresentar boletins de notícias durante a programação de uma emissora ou mesmo veicular notícias nas redes sociais, para relatar brevemente os resultados de uma pesquisa, para fazer a propaganda de um produto ou serviço, para fazer uma apresentação pessoal, entre outros. (Silva, 2018, p. 32).

Percebemos então que Silva (2018) concebe o vídeo-minuto como um formato de vídeo que pode ser empregado para diferentes fins, desde a divulgação científica até propagandas. Já Almeida (2022) trata o vídeo-minuto como um gênero digital relacionado a narrativas e tomadas de posição. Segundo a pesquisa,

No vídeo-minuto podemos encontrar argumentos e narrativas, relatos ou lembranças que nos facilitam enxergar o mundo de uma forma singular. A escolha desse gênero audiovisual se restringe ao fato de ele ser completo no sentido das relações/descrições que podem ser feitas de um relato ou narrativa. (Almeida, 2022, p. 16)

Assim, Almeida (2022) investiga como estudantes do ensino médio de uma escola pública utilizam o gênero como forma de se posicionarem contra o racismo em apenas 1 minuto. Esse trabalho exemplifica como o vídeo-minuto pode ser didatizado e contribuir para auxiliar jovens no enfrentamento a práticas racistas. Porém, nele não se investigam com profundidade aspectos da linguagem usados na construção do vídeo-minuto. O estudo chega a abordar oficinas voltadas ao ritmo, volume, tom da voz e o que é possível se dizer em 1 minuto, porém observamos que o foco da investigação está na abordagem temática, e não nas regularidades estruturais do gênero.

Rocha *et al* (2022), por sua vez, elaboraram atividades didáticas para diminuir o tempo de gravação de vídeos de divulgação científica com cerca de 5 minutos para até 1 minuto. Os dados indicam que houve um aumento no número de visualizações, concluindo que os vídeos mais curtos são mais visualizados pelos usuários da rede *Instagram*, suporte no qual veicularam as produções realizadas.

Já Kletemberg e Granado (2023) trazem uma investigação sobre como o *TikTok* tem sido usado para veicular a divulgação científica. Os autores selecionaram cem perfis brasileiros do *Tik Tok* de divulgação científica, utilizando como categorias de análise a temática do perfil; a ocupação ou descrição do responsável por cada conta; a duração média dos vídeos; os recursos visuais e

sonoros e as abordagens do conteúdo audiovisual. Os resultados encontrados pelos autores reforçam o que Silva *et al* (2018) e Motta-Roth (2011) observaram sobre a presença de uma visão reducionista do que vem a ser ciência, considerando-se apenas as ciências duras (Silva *et al*, 2018, *apud* Storto, Costa-Maciel e Magalhães, 2023) como tal. Os dados da pesquisa indicam que, dos cem perfis analisados, 44% popularizam o conhecimento científico com temática das ciências biológicas e ciências da saúde. Outra categoria importante analisada por Kletemberg e Granado (2023) que merece destaque neste trabalho é a duração dos vídeos publicados no *Tik Tok*. Observou-se que eles duram em média 1 minuto, o que pode ser considerado um vídeo-minuto, embora os autores não tenham se proposto a trazer essa categorização por não se tratar dos objetivos do estudo. Assim, por meio da análise de um *corpus* robusto, essa pesquisa comprova que é possível divulgar ciência através de vídeos-minuto, contribuindo para a defesa da modelização desse formato de vídeo enquanto gênero de texto.

A análise dessas pesquisas sugere que, embora haja alguns padrões linguísticos e multimodais em comum – como a duração ao redor de 1 minuto, a produção audiovisual, a circulação principalmente em redes sociais –, há regularidades linguísticas distintas a depender do objetivo de produção do vídeo-minuto. Isso significa dizer que vídeos-minuto de notícia, de *remakes* de obras cinematográficas, de opinião, de divulgação científica, dentre outros, terão composições linguísticas diferentes entre si.

Portanto, consideramos como vídeo-minuto de divulgação científica textos multimodais que se propõem a divulgar, em até

1 minuto, resultados de pesquisas acadêmico-científicas e/ou explicar conteúdos científicos, contribuindo, assim, para a popularização da ciência a um público leigo/não especializado. Na seção a seguir, discutimos as regularidades linguísticas e multimodais deste gênero de texto.

3.2 O Modelo Didático do gênero vídeo-minuto de divulgação científica

Apoiadas no quadro teórico metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo e a partir da análise dos dez vídeos-minuto de divulgação científica, propomos o seguinte MDG do vídeo-minuto de divulgação científica:

Quadro 3 – MDG do vídeo-minuto de divulgação científica

PARÂMETROS	ESPECIFICIDADES
Momento sócio-histórico	Aumento de uso de redes sociais com grande repercussão de vídeos curtos e de interesse coletivo pela popularização da ciência.
Esfera de atividade humana	Divulgação de fatos científicos para público leigo/não especializado de forma dinâmica e criativa.
Suporte de veiculação	Vídeo gravado de forma assíncrona, editado e disponibilizado na plataforma <i>Youtube</i> , mas que pode ter circulado em outras redes sociais.
Conteúdo temático	Fatos e curiosidades envolvendo várias áreas das ciências.
Objetivos	Explicações científicas sobre questões que envolvem o dia-a-dia, situações corriqueiras.
Emissor	Produtores de conteúdo majoritariamente com formação na área de interesse do canal; repórteres; estudantes de instituições de ensino superior.
Destinatário	Usuários da rede social não especializados na área divulgada, mas interessados em curiosidades científicas.
Plano global do texto	Abertura com uma pergunta retórica motivadora do vídeo, geralmente relacionada a curiosidades do dia-a-dia que podem ser explicadas pela ciência; Explicação do fato científico com inserção de recursos de credibilidade: exemplos, comparações, dados estatísticos, alusão histórica, citação de autoridade; Indicação do centro de pesquisa vinculado ao vídeo, quando houver; Encerramento com síntese do exposto; Pedido para seguir o canal e despedida (opcionais).
Tipos de discurso	Teórico e interativo.

Tipos de sequências textuais	Explicativa e dialogal.
Mecanismos de conexão	Operadores lógicos-argumentativos: mas, porém, por isso, porque, então, assim
Mecanismos de coesão verbal	Predomínio de verbos no presente do indicativo e presente histórico.
Mecanismos de coesão nominal	Anáforas pronominais; anáforas nominais com substituição de itens lexicais; apagamentos.
Vozes Mobilizadas	Voz do autor empírico e de vozes de demais pesquisadores, especialistas e cientistas, além de instituições de ensino e pesquisa.
Modalizações	Lógicas, deônticas e apreciativas.
Cenário/imagem de fundo	Geralmente neutro, como foco no falante. Mas, quando este apresenta-se apenas em voz, o cenário são imagens em movimento relacionadas à temática do vídeo, de modo a complementar a explicação.
Sonoplastia	Música instrumental levemente rápida, volume baixo. Em alguns, inserem-se sons relacionados à temática do vídeo.
Paleta de cores	Tons frios, com cores relacionadas à temática do vídeo.
Qualidade da voz	Voz firme, em ritmo constante e levemente acelerado.
Vinheta de abertura e/ou encerramento	Não é obrigatório o uso de vinheta, mas, quando há, está relacionada à instituição financiadora do programa.
Recursos de imagens	Em vídeos com apresentador, este fica em primeiro plano com inserções breves de imagens relacionadas ao tema, para facilitar a explicação. Quando não há apresentador, são utilizadas imagens dinâmicas, em movimento, que complementam a explicação verbal.

Fonte: Elaborado pelas autoras

Quanto ao momento sócio-histórico, destacamos que, no contexto atual, os vídeos-minuto sofrem influência da popularização do acesso à Internet e mais precisamente do uso de redes sociais pela sociedade. Assim, o fácil contato com esses vídeos por meio de *smartphones* torna o conhecimento científico em vídeos curtos exponencialmente mais próximo ao público em geral. O vídeo “Uma

folha dobrada 103 vezes fica maior que o universo”, por exemplo, teve mais de 13 milhões de visualizações.

No que tange à esfera de atividade humana, ressaltamos que o gênero em questão apresenta a divulgação do saber científico ao público leigo/não especializado de forma interativa e dinâmica. O suporte em que os vídeos modelares apareceram foi a plata-

forma *Youtube*, mais precisamente, em sua maioria, nos vídeos em alta da guia *shorts*, porém tais vídeos poderiam estar em redes sociais como Instagram e *Tik Tok*, os quais veiculam produções audiovisuais curtas.

Com relação ao conteúdo temático, observamos que os vídeos analisados são voltados em geral para curiosidades cotidianas relacionadas à área de Ciências da Natureza (química e biologia), Ciências Exatas (matemática e física) e astronomia. Dessa forma, os vídeos-minuto de divulgação científica selecionados nos critérios estabelecidos - maior número de visualizações e de até um minuto - visam a responder perguntas que geram curiosidade e não estavam, pelo menos na nossa busca, relacionadas à popularização de resultados recentes de pesquisa, mas, sim, a fatos corriqueiros que são explicados por fatos científicos. Os vídeos são motivados por indagações, como “por que os galos cantam ao amanhecer?”, o que sugere que esse gênero ainda não é amplamente utilizado pelos centros de pesquisa como estratégia de popularização dos estudos realizados na instituição ou que, nos casos em que é empregado, os vídeos não alcançaram ampla circulação, não obtendo visibilidade suficiente para integrar o *corpus* da pesquisa. Podemos inferir o mesmo para vídeos-minuto de outras áreas da ciência, como linguística.

Com relação ao emissor dos exemplares selecionados, destacamos que a maioria são repórteres ou produtores de conteúdo com formação na área. De modo geral, notamos a presença de licenciandos e mestrands na produção do gênero, o que evidencia que professores utilizam dessa produção audiovisual como meio dinâmico de difusão de conteúdos escolares. Em V1, por exemplo, o produtor explica de forma concreta uma fórmula matemática - progressão geométri-

ca (PG) e progressão aritmética (PA), o que parece ter sido bem compreendido pelos interlocutores, haja vista comentários positivos como: “sou professor de Matemática, com certeza mencionarei esse vídeo nas minhas aulas sobre potenciação” e “perfeita colação para a PG”. Além disso, embora não seja o foco deste trabalho, destacamos que esse tipo de produtor pode sinalizar que professores de educação básica têm buscado por outra fonte de renda, visto que a produção de conteúdos digitais tem sido uma grande forma de ganho extra na contemporaneidade. Outro fato importante para nossa análise é a escassa participação de professores universitários na construção desses vídeos. Ressaltamos que as instituições universitárias, em sua maioria, utilizam o vídeo-minuto para vídeos institucionais, notícias, dicas de processos seletivos, entre outros, mas não para divulgar resultados de suas pesquisas⁴.

Acerca dos destinatários dos vídeos-minuto selecionados, destacamos que são usuários em geral da rede social, público leigo e/ou não especializado, porém interessado em curiosidades científicas. Além disso, os comentários postados nos vídeos demonstram que muitos estudantes de educação básica consomem esse conteúdo como fonte de estudo.

Sobre o plano global do texto, ressaltamos que, embora o tempo de duração seja curto, os vídeos-minuto de DC perfilados possuem estrutura completa de texto expositivo, com: introdução com a pergunta motivadora de curiosidade; explicação com recursos de credibilidade e inserção de in-

4 Foram encontrados vídeos institucionais para divulgação de pesquisas acadêmicas com tempo de duração de 3 a 5 minutos e, por isso, foram excluídos dos nossos dados. Sobre isso, sugerimos a leitura de Abreu-Tardelli (2025) acerca do gênero Three-Minute Thesis.

formações de cunho científico e encerramento com síntese e despedida, em alguns casos acompanhada de convite para inscrição no canal. Devido à extensão do vídeo, geralmente são utilizados no máximo dois recursos de credibilidade, sendo a citação de autoridade a mais usada para fazer referência aos pesquisadores que fizeram a descoberta científica ou à instituição que financiou o vídeo.

Com relação ao tipo de discurso, prevaleceu o teórico nos vídeos selecionados, o que era de se esperar devido ao predomínio da tipologia expositiva e ao gênero de texto em questão. Esse discurso é observado, por exemplo, em trechos como “Existem três maneiras de mudar a temperatura de um objeto que são os tipos de propagação de calor...” (V3) e “... está entre um dos maiores répteis existentes” (V8). Entretanto, há também prevalência do discurso interativo, pois, mesmo tais produções sendo assíncronas, observamos diversas tentativas de aproximação com o destinatário, o que é característico de vídeos propagados pelas redes sociais. Evidenciam esse aspecto, por exemplo, os usos de “você”, nos trechos “você provavelmente já viu que se você passar a mão no fogo rapidamente, você não se queima” (V3); da primeira pessoa do plural, em “Nascemos com uma veia meio cientista, na infância somos curiosos, vibramos com cada descoberta” (V7); de “a gente”, como em “Elas mostram pra gente que essas partículas não se comportam como objetos clássicos” (V5); bem como de perguntas retóricas, como em “Quem não se lembra do cientista meio maluco e com cabelo todo bagunçado? E, aí, lembrou?” (V7).

Por isso, notamos que os tipos de sequências textuais que prevalecem são a expositiva e a dialogal. No entanto, em alguns vídeos há trechos injuntivos, por exemplo

em V1, quando o emissor ensina o destinatário a dobrar a folha de papel; em V3, quando o interlocutor é orientado a colocar água na manteiga ou quando em V7 a repórter convida seu público a se tornar um cientista e a se inscrever no canal. Mas, como foi percebido em menor quantidade, não entrou no MDG.

Com relação aos mecanismos de textualização, destacamos o uso de operadores lógico-argumentativos voltados à explicação, sobretudo os mais prototípicos - “porque”; “como”; “que” - além de locuções prepositivas com função também explicativa, como “decorre de”. Os trechos seguintes demonstram tais usos: “o motivo de eu não me queimar com a chama é porque a chama não tem uma forma física” (V3); “mas na verdade, (...) qualquer pessoa pode isso” (V7); “a cantoria do galo decorre de seu relógio biológico” (V4).

Já com relação à coesão verbal, notamos a predominância do presente do indicativo e presente histórico, tendo em vista o caráter de atemporalidade dos conteúdos veiculados nos vídeos analisados. Percebemos também o uso do futuro do pretérito do modo indicativo, como em V6 “O que aconteceria se a lua sumisse?”, visto que o vídeo em questão parte de uma situação hipotética. Porém, por não ser frequente esse tempo verbal nos vídeos analisados, não o colocamos no MDG.

Por se tratar de um vídeo curto, é importante que a cadeia referencial seja bem construída, de modo a não haver muita repetição de palavras em um curto espaço de tempo. Por isso, a coesão nominal foi realizada com uso de pronomes, em especial os pessoais (ele(s)/ela(s)) e demonstrativos (isso, esse), e uso de sinônimos para retomada. Há também apagamentos de sujeitos e/ou complementos de fácil retomada pelo

contexto, através de imagens ou até mesmo de expressões faciais dêiticas do emissor (como em 0:43 de V1).

Acerca das vozes mobilizadas, observamos duas situações: quando é uma descoberta relativamente recente, a citação de autoridade fica mais marcada, com uso de conjunções subordinadas conformativas mais claras, porém, quando se trata de saberes amplamente divulgados, como a lei da gravidade, por exemplo, os fatos só são explicados pelo apresentador, sem demarcar claramente a origem da pesquisa. Foram somente os comentários de V1, por exemplo, que deixaram explícitos que a afirmação sobre as dobras da folha ficarem maior que o universo trata-se da teoria matemática popularmente considerada como sendo de criação de Carl Friedrich Gauss e denominada como Progressão Geométrica e Progressão Aritmética.

Outra regularidade linguística que merece destaque é a utilização de modalizações lógicas (é evidente, é necessário) para explicação dos fatos, bem como deôntica (pode/deve) indicando possibilidade ou obrigatoriedade do fato explicado. Também há a apreciativa, como “felizmente”, de forma a valorar o estudo científico.

Quanto ao cenário, observamos que os vídeos analisados apresentam foco no falante, tendo, portanto, fundo neutro, o qual varia entre ambiente domiciliar, como se vê em V1 e V3, e imagens digitais em movimento relacionadas ao tema do vídeo, para complementar a explicação, como em V5, em que não há apresentador, ou como em V2, o qual inclui vídeos sobre rodas na parte superior da tela e o foco no apresentador na parte inferior.

Quanto à sonoplastia, a maioria dos vídeos apresentam som de fundo, em tom baixo. A música é instrumental, sugerindo

animação e curiosidade, atribuindo ao vídeo caráter divertido e envolvente. Percebemos uma leve aceleração da música no momento da explicação do fato científico, ponto de maior interesse do público-alvo, e diminuição da velocidade ao encaminhar para o final do vídeo, sinalizando para o destinatário sua finalização. Além disso, verificamos que alguns vídeos fazem uso de recursos sonoros associados à temática (V1 - som de folha sendo dobrada e barulho do universo e V4 - som de instrumento de corda em música sertaneja por retratar o meio rural). Notamos também uso de cores frias, como azul, verde, violeta, geralmente associados à calma, ao estudo e à concentração. Por isso, muitos centros de ensino apresentam essas cores em suas construções e uniformes. As cores mais fortes, como o vermelho, quando usadas, estavam associadas à temática do vídeo, quando alguma imagem real era usada no fundo, como no caso das galinhas (V4).

Com relação à voz, destacamos que as pausas são leves e próximas às perguntas retóricas de modo a gerar curiosidade. Em geral, as falas são rápidas, com entonações modificadas para as explicações, de forma a gerar curiosidade no ouvinte. Não há características naturais da oralidade, como hesitações e correções, o que reforça que se trata de uma fala planejada, elaborada a partir de um roteiro, o qual foi memorizado ou é oralizado no momento da gravação, havendo, ainda, a edição do vídeo ao final. Essas características em muito se distanciam de outros vídeos curtos como os *stories* e vídeos do *Tik Tok*, os quais são produções mais espontâneas.

Observamos ainda que as vinhetas de abertura e encerramento não são obrigatórias, não havendo uma regularidade quanto a esse aspecto nos vídeos observados. Quan-

do foram usadas, faziam referência à instigação/nome do canal produtor do vídeo (V4 e V7, por exemplo). Tal fato pode estar associado à brevidade dessa produção audiovisual, o que poderia deixá-la mais longa e, assim, ultrapassar o tempo de 1 minuto, geralmente usado nos *shorts*.

Por fim, acerca dos recursos de imagens e vídeo empregados, destacamos que estes são utilizados para complementar a explicação feita, geralmente com inserção de imagens dinâmicas e em movimento. Além disso, notamos o ângulo e o foco da câmera como mais um recurso usado na produção de sentido do vídeo. Um exemplo disso é em V4, entre 0:17 e 0:20, em que podemos observar estratégias de posicionamento da câmera, ângulo e foco como possibilidade de construção de sentido nos vídeos-minuto de DC analisados.

Portanto, essas regularidades encontradas nos vídeos analisados nos permitem definir o vídeo-minuto de divulgação científica como um gênero de texto.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, percebemos, com o levantamento de produções acadêmicas sobre vídeo-minuto, que há uma variedade de definições para esse formato de vídeo. Isso ocorre porque, a depender de seu objetivo comunicativo – veicular uma notícia, reproduzir um *remake* de uma obra cinematográfica, explicar um fato científico, dentre outros – mudam-se suas características estruturais e linguísticas. Esse dado sinaliza a necessidade da especificação para a observação de padrões linguísticos, visto que um vídeo-minuto de resenha, por exemplo, tem finalidade, elementos composicionais, de estilo e temáticos diferentes de um vídeo-minuto publicitário, embora se mantenham em comum

suas características multimodais e o tempo de duração, 1 minuto.

Nesse sentido, a partir da análise dos vídeos selecionados, todos com o mesmo objetivo – explicação acerca de fatos científicos –, foi possível elencar algumas características que os definem, o que fundamenta nossa definição dos vídeos-minuto de divulgação científica enquanto gênero de texto. Estes, em sua maioria, partem de fatos e curiosidades científicas que se relacionam ao dia-a-dia dos ouvintes; são dinâmicos; são multimodais; com linguagem objetiva clara e direta, que busca aproximar-se do espectador; são curtos, com cerca de 1 minuto de duração; utilizam narração própria, podendo haver imagem do apresentador ou apenas a narração, com voz e/ou legenda; incluem recursos visuais, principalmente, textos curtos, vídeos e imagens dinâmicas.

Ressaltamos que tal discussão será mais aprofundada em Cunha (no prelo), em que se objetivam, entre outros aspectos, o aprimoramento deste MDG, bem como o desenvolvimento de uma sequência didática para o trabalho com vídeo-minuto de DC na educação básica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, I. R. L. de. *O gênero digital vídeo-minuto: a discursividade livre do aluno na escola média sobre o afrodescendente*. Universidade de Cuiabá, Cuiabá. Jan. 2022, 84f. Disponível em: <https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=12210237>. Acesso em 10 Jan 2025.
- BAHIA, A.B. ; SILVA, A.R. L da. Modelo de produção de vídeo didáticos para EaD.
- Paidei@*-Revista Científica de Educação à Distância. Vol.9 – Nº16 – JULHO-2017/ISSN: 1982-6109. Universidade Metropolitana de Santos (Unimes). Disponível em: <https://periodicos.unimesvirtual.com.br/index.php/paideia/arti>

[cle/view/696](#). Acesso em 15 Jan. 2025

BARBOSA, Jacqueline P. As práticas de linguagem contemporâneas e a BNCC. *Na Ponta do Lápis*, n.31, jul 2018. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/7589/npl31.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2025

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Base Nacional Comum Curricular – Língua Portuguesa*. Brasília, 2018.

BRONCKART, J.-P.; Groupe LAF (Eds.). *Les Cahiers de la section des sciences de l'éducation*, n. 103: *Agir et discours en situation de travail*, 2004.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

BRONCKART, J. P. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

@CanalButantan. Por que os peixes não fecham os olhos. *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/oGiCwudG1-0>. Acesso em 22 jul. 2025

@Ciência em dia. A mecânica quântica em 1 minuto. *Youtube* Disponível em: https://youtube.com/shorts/v2lORBz_qmo?si=TYs-yqwwEy9v-vrjl. Acesso em 05 Jan. 2025

CUNHA, P. O. *O gênero de texto vídeo-minuto de divulgação científica: da modelização à prática em sala de aula*. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, (No prelo)

CRISTOVÃO, V.L.L. Sequências Didáticas para o ensino de línguas. In: DIAS, R.; CRISTOVÃO, V. L. L. (Org.). *O Livro Didático de Língua Estrangeira: múltiplas perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, p. 305-344, 2009.

CRISTOVÃO, V. L. L.; STUTZ, L. Sequências Didáticas: semelhanças e especificidades no contexto francófono como LI e no contexto brasileiro como LE. In: Szundy, p. T. C. et al. (org.). *Linguística Aplicada e Sociedade: ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro*. Campinas: Pontes Editores, pp. 17-40, 2011.

CRISTOVÃO, V. L. L.; PEREIRA, L. A. A divulgação científica nas ciências da linguagem do Brasil e de Portugal: mídias e gêneros em foco. In: GRACA, L.; GONÇALVES, M.; BUENO, L.; LOUSADA, E. (org.). *Da didática de língua(s) ao seu ensino: es-*

tudos de homenagem ao professor Joaquim Dolz. Campinas: Pontes, 2023. p. 211-230.

CRISTOVÃO, V. L. L.; FERREIRA, L. M. L.; CARDOSO, I.; PEREIRA, L. A.; AMBRÓSIO, S. Uma cartografia da divulgação científica. In: *Ciências da Linguagem*, nº 54 João Pessoa | Volume 19 | Número 2 | Agosto-Dezembro 2024 | p. 41-57 Brasil e em Portugal. *Diacrítica*, [s. l.], v. 37, n. 1, p. 284-309, 2023. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/diacritica/article/view/5400>. Acesso em: 22 jul. 2025.

DOLZ, J. *Seminário 2015*. Palestra Prof. Joaquim Dolz. 2015. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=K68WLhIcSrc>. Acesso em: 10 jul. 2024.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. E Org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

DOLZ, J.; PASQUIER, A.; BRONCKART, J.P. A aquisição do discurso: emergência de uma competência ou aprendizagem de diferentes capacidades de linguagem? *Nonada: Letras em Revista*, n. 28, vol. 1. Maio de 2017. pp. 156-173.

FRAGA, D. Questões teóricas do ISD face à emergência da internet como contexto de produção textual: um lugar para a emoção. In: __ GUIMARÃES, A.M.M; MACHADO, A.R. COUTINHO, A. (Orgs). *O interacionismo Sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

FRANCO, L. A Garrafa de Klein. *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y0LdcJhefPA>. Acesso em 20 jul.25

GRILLO, S. V. C. *Divulgação científica: linguagens, esferas e gêneros*. Tese (Livre-docência em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/8/tde-04112015-181038/pt-br.php>. Acesso em: 28 mar. 2022.

@Humor Quântico. Física na manteiga. *Youtube*. Disponível em: https://youtu.be/T_NSVAz1s-vU?si=JJMwhnoh9HQjeL-v Acesso em 06 Jul. 2025

- KLETEMBERG, K. S. GRANADO, A.M. S. C. *Ciência no TikTok: O uso da plataforma para a divulgação científica no Brasil*. Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos interdisciplinares da Comunicação. 46º Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação- PUC Minas, 2023. Disponível em: <https://novaresearch.unl.pt/en/publications/ci%C3%A3ncia-no-tiktok-o-uso-da-plataforma-para-a-divulga%C3%A7%C3%A3o-cient%C3%ADfic> Acesso em 12 Jan. 2025
- LOOS, P. Uma folha dobrada 103 vezes fica maior que o universo. In: @Ciência todo dia. *Youtube*. Disponível em: https://youtu.be/oG0bUfWO_0g?si=Xos1k6JzaS1EHdsh Acesso em 06 Jan. 2025
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo: Cortez. 2001.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros Textuais e Ensino*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- @MINUTOCOMCIENCIA2765. Minuto com Ciência. Crocodilo no mar? *Youtube*. Disponível em: <https://youtube.com/shorts/E85MFSBmkv4?si=eKR-yUw7cu7HEaQK> Acesso em 22 Fev. 2025
- MOTTA-ROTH, D. *Letramento científico: Sentidos e valores*. Notas de Pesquisa, v1, 2011, p. 12–25.
- @NEWTONIANO. Newtoniano. E se a lua sumisse? *Youtube* Disponível em: <https://youtu.be/-hXaHUgOxfM?si=nl9wz-GsfczQb0x2> Acesso em 22 Fev.2025
- PINTON, F. M.; STEINHORST, C. E BARRETO, T. (orgs). *Glossário de Gêneros e Suportes Textuais* [recurso eletrônico]: Base Nacional Comum Curricular. Santa Maria, RS, UFSM, CAL, NEPELIN, 2020 2020.
- ROCHA, J.; BELO, A. ; FORTE, V. MARTINS, A. Divulgação científica e popularização do conhecimento nas redes sociais: produção e circulação dos conteúdos do projeto MíDiVulga do @grupomidi. Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos interdisciplinares da Comunicação. 45º Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação- UFPB, 2022. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0715202221023762d2001d1c820.pdf> Acesso em 12 Jan. 2025
- Seara da Ciência: onde é proibido não mexer. Areia movediça. *Youtube* Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j_xSnjbggrs
- SILVA, J.Z. da. *O vídeo-minuto como prática de imprensa escolar*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2018 , 53 f. <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/200665/001103863.pdf?sequence=1&isAllowed=y> > Acesso em 05 Jan 2025
- SOUZA, J. M. *Humor quântico*. Disponível em: <https://www.youtube.com/@HUMORQU-C3%82NTICO> Acesso em 21 Fev. 2025
- SOUZA, L.V. O contexto do agir de linguagem. In: __ GUIMARÃES, A.M.M; MACHADO, A.R. COUTINHO, A. (Orgs). *O interacionismo Sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- STORTO, L. COSTA-MACIEL, D. MAGALHÃES, T.G.; CARVALHO, T. A. B. Gêneros orais da esfera científica na Base Nacional Comum Curricular. *Revista Calidoscópio*, 2023. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/373150764_Genero_orais_da_esfera_cientifica_na_Base_Nacional_Comum_Curricular> Acesso em 10 mar. 2025
- TARDELLI, L.S.A.; CARDOSO, F.O.F. A apresentação oral em live para a divulgação científica: o modelo didático de um gênero. Veredas: Revista de estudos linguísticos, *Letras em Revista*, n. 1, vol. 26. 2022. p. 96-120.
- TARGINO, M. *Divulgação científica e discurso*. Comunicação & Inovação, 2007, p.19–28.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS- Ufla. *Relógio biológico faz galo cantar ao amanhecer* . Disponível em: https://youtu.be/CMu6N-O_5dw?si=SBCFNM5nKugX0xoU. Acesso em 14 Abr. 2025
- UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE- Univale. Como ser cientista. *Youtube*. Disponível em: Acesso em 21 Fev. 2025

Recebido em: 31/07/2025
Aprovado em: 15/12/2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.